

Nova exposição na Baraúna enfoca o Sesc Pompeia a partir do mobiliário de Lina Bo Bardi e da tapeçaria de Edmar de Almeida

“Lina Bo Bardi e Edmar de Almeida no Sesc Pompeia”, com curadoria de André Vainer, coloca em diálogo os trabalhos da arquiteta e do artista visual, especialmente na colaboração que estabeleceram durante a concepção do centro de convivência paulistano

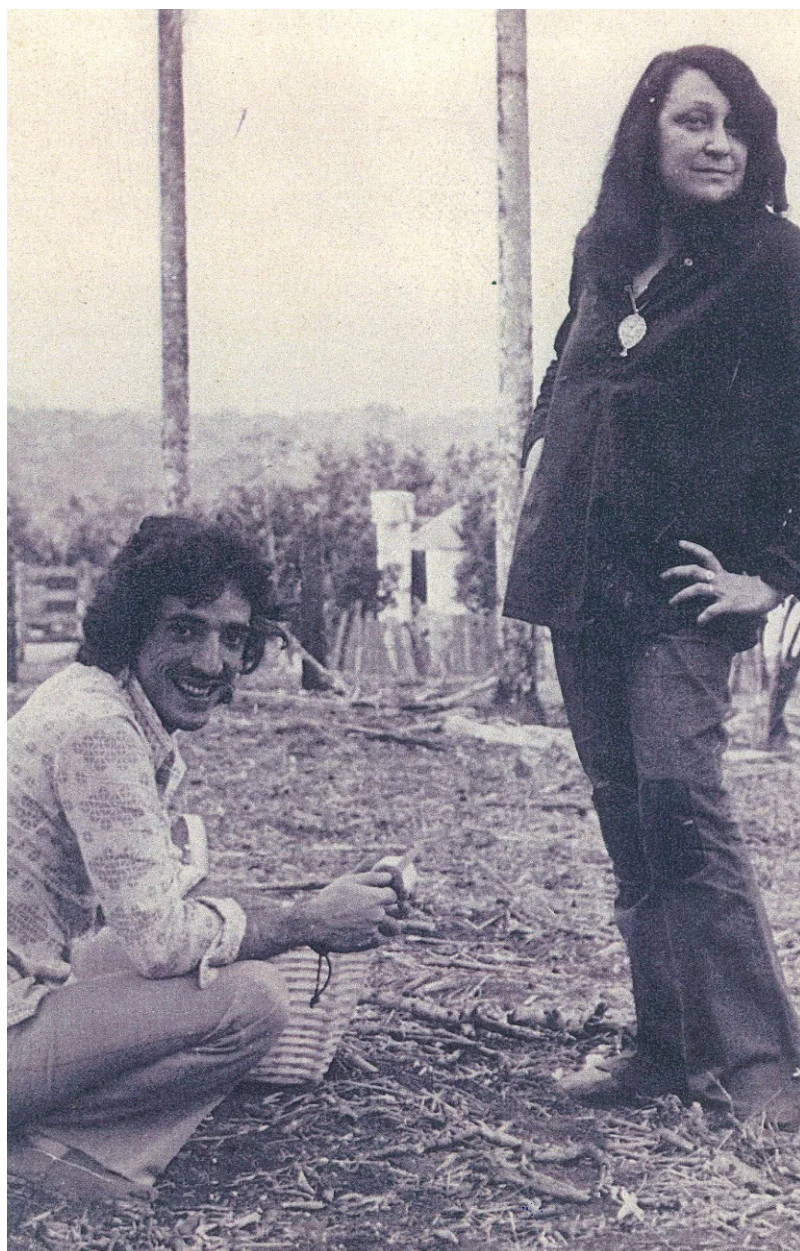


Edmar de Almeida e Lina Bo Bardi. Foto: Vera Albuquerque

Foi em meados dos anos 1970, ainda durante a ditadura civil-militar, que a arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992) e o artista Edmar de Almeida (1944-2025) se conheceram. Repletos de interesses em comum, sempre atentos às culturas regionais do Brasil, os dois rapidamente se aproximaram. Edmar convidou Lina à sua cidade, Uberlândia (MG), onde apresentou-a ao trabalho tradicional das tecedeiras do Triângulo Mineiro, e a partir daí conceberam juntos (com colaboração de Flávio Império) a exposição Repassos, realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 1975. A relação se intensificou no ano seguinte, quando Edmar articulou com frades franciscanos o convite para que Lina projetasse a Igreja Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, trabalho no qual ela iniciou sua longa colaboração com os arquitetos - estudantes à época - André Vainer e Marcelo Ferraz.

Essas histórias aqui resumidas são um prelúdio do trabalho seguinte de Lina, um dos mais marcantes e maduros de sua carreira: a construção do Sesc Pompeia, amplo centro de lazer e cultura de uso democrático e popular, localizado onde antes havia uma fábrica abandonada no bairro da Pompeia, em São Paulo. Realizado entre 1977 e 1986 - também com a colaboração de Vainer e Ferraz e com tapeçarias de Edmar -, este projeto, que sintetiza muito do pensamento arquitetônico e político da arquiteta, é a base da exposição Lina, Edmar e o Sesc Pompeia, em cartaz a partir de 27 de junho na Marcenaria Baraúna.

Centrada principalmente no mobiliário de Lina e nas peças têxteis de Edmar, a mostra não deixa de ser também uma homenagem ao artista mineiro - morto há menos de um ano -, parceiro dos sócios da Baraúna e da Brasil Arquitetura (Ferraz e Francisco Fanucci) em diversos projetos como a Praça das Artes e o Teatro do Engenho Central de Piracicaba. Completam a exposição desenhos e pinturas de Edmar, Bordados de Mira Schendel e luminárias criadas por Vainer, além de fotos do Sesc Pompeia de autoria de Ferraz e Nelson Kon.



Edmar de Almeida e Lina Bo Bardi.

“A exposição apresenta obras que mostram o longo relacionamento profissional e pessoal entre Lina e Edmar”, explica Vainer, que assina a curadoria da mostra. “Um encontro profícuo de um artista com profunda fé cristã e uma comunista agnóstica, que em parceria realizaram belas obras, imbuídas do mais agudo afeto humanista”, completa ele.

No espaço expositivo, portanto, serão reunidas peças da arquiteta como a Mesa Redonda SESC Pompeia, a Cadeira SESC Pompeia, o Banco Lareira SESC Pompeia, a Mesa SESC Pompeia e o Caixotinho SESC Pompeia, todos de 1982 e hoje produzidos pela Baraúna (com licenciamento do Instituto Bardi). Trata-se, como se percebe nos nomes, de uma série de móveis criados especialmente para o centro de convivência paulistano, pensados para as necessidades específicas de seus usuários - em um tipo de prática comum aos projetos da

arquiteta. Articulados aos espaços (teatro, restaurante, área expositiva etc.) e às funções do Sesc Pompeia, eles explicitam a visão de Lina na qual um projeto deve ser pensado como um todo: do micro ao macro; da placa de sinalização às grandes estruturas dos edifícios. Para ela, tudo isso era arquitetura.



Restaurante do Sesc Pompeia. Foto: arquivo Marcelo Ferraz

Do mesmo modo, pode-se dizer que as tapeçarias criadas por Edmar à convite de Lina para a choperia do Sesc - local hoje chamado de “comedoria”, que concilia restaurante e estrutura para shows - são também parte desta arquitetura. Pois, para além de seus jogos de cores e texturas, de seu impacto visual e beleza estética, as peças cobrem a longa parede cega ao fundo do espaço, de divisa com os vizinhos, e cumprem um papel acústico fundamental na absorção do som durante os shows. Vale lembrar que Edmar foi um artista multifacetado, com uma vasta produção para muito além do universo têxtil, mas que teve de fato um reconhecimento especial com sua produção de tapeçarias em grande escala, geralmente concebidas para espaços arquitetônicos públicos, com impacto direto na vida das pessoas.

A preocupação social de Edmar, compartilhada por Lina, fez com que a arquiteta o convidasse também para ajudar a idealizar os ateliês do Sesc Pompeia, em mais uma colaboração do artista no projeto. Ambos compartilhavam, ainda, o interesse pelo conhecimento tradicional, pelas práticas ancestrais e pelas especificidades culturais de cada região do país, coisas que vinham (e seguem) se perdendo com a massificação cultural.

O desejo que tinham de valorizar e transmitir estes conhecimentos - em exposições como a já citada Repassos e tantas outras organizadas por Lina - não significava uma visão conservadora que negasse transformações e avanços tecnológicos, muito menos a folclorização da carência e da pobreza, mas sim o reconhecimento da riqueza cultural de cada povo e de suas práticas - por vezes extremamente sofisticadas. Como escreveu Lina: “É um contrassenso se pensar numa linguagem comum aos povos se cada um não aprofunda suas raízes, que são diferentes. A realidade à beira do São Francisco não é a mesma que à beira do Tietê”.



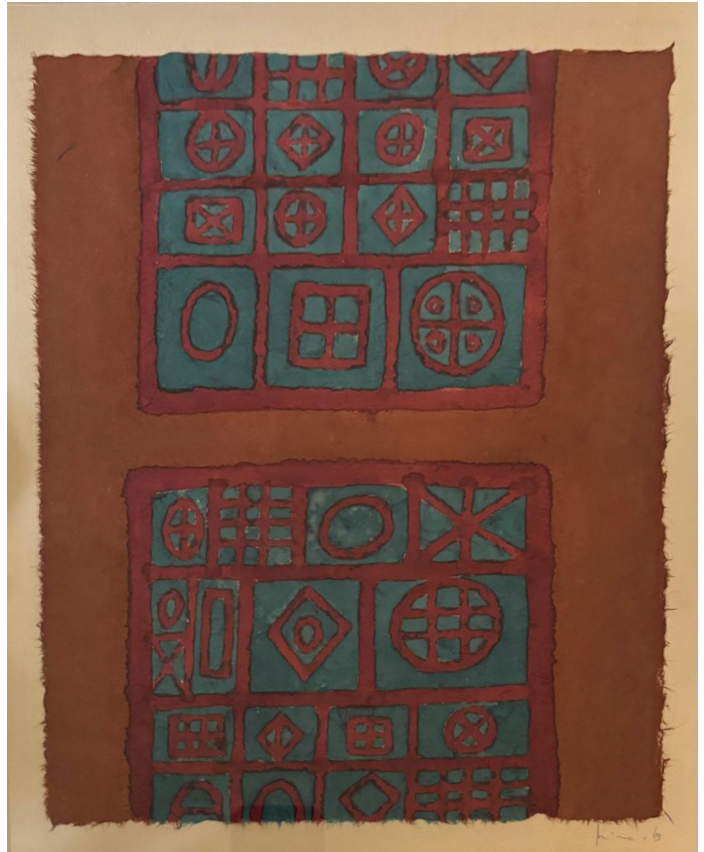
Restaurante do Sesc Pompeia. Foto: arquivo Marcelo Ferraz

O fato é que Edmar esteve presente, ao longo dos nove anos de feitura do Sesc Pompeia, em diversos momentos, também como um interlocutor da arquiteta na busca pela criação de um espaço verdadeiramente livre e democrático. “Lina encomendou ao Edmar velários que foram apoiados nas estruturas de concreto da choperia, e cuja referência foram os tradicionais kakemonos japoneses, para alegrar e fazer um contraponto com as rígidas geométricas estruturas do galpão industrial crú. Infelizmente estas peças se perderam ao longo dos anos”, conta Vainer.

Outros bordados e luzes

Para completar a exposição, além de fotos do Sesc Pompeia de autoria de Nelson Kon e Marcelo Ferraz que contextualizam a narrativa, estarão expostas obras da série Bordados, de Mira Schendel (1919-1988), que criam um diálogo particular com

as tapeçarias de Edmar, particularmente, e com os móveis de Lina. Uma das mais importantes artistas contemporâneas brasileiras da segunda metade do século 20, desenhista, pintora e escultora, Schendel foi amiga e importante referência para Edmar, em uma relação estabelecida principalmente por meio do filósofo Vilém Flusser (1920-1991). Estudioso da comunicação humana, Flusser via na obra de ambos os artistas caminhos de interação e diálogo. No caso de Mira, isso se dava especialmente através das formas e signos; no de Edmar, no próprio ato de tecer, criando sentidos a partir da interconexão dos fios.



Obras da série "Bordados" de Mira Schendel

Por fim, completa a exposição uma série de luminárias da Lunar Objetos (representada pela Baraúna), desenhadas pelo curador da mostra André Vainer. Para além da relação óbvia de Vainer com Lina e o Sesc Pompeia, as luminárias do arquiteto enriquecem a mostra também pelos paralelos conceituais que estabelecem com as obras dos outros autores. Se os móveis de Lina "são arquitetura", pode-se pensar o mesmo das luminárias de Vainer, criadas a partir de equipamentos e materiais de construção e que, com formas e cores sóbrias, partem muito mais das ideias de função e uso do que de adorno e decoração.

Vale lembrar aqui o comentário de Lina quando perguntada sobre o conceito de "decoração": "Essa infeliz palavra substituímos imediatamente por 'arquitetura de interior'. Tarefa da mais séria responsabilidade de nossos dias: a disposição interior da casa, a formação do 'habitat' por excelência, onde os homens se desenvolvem e formam sua mentalidade".



Luminárias Lunar Objetos (André Vainer) / Foto: Fernando Lazslo

Terceira exposição realizada pela Marcenaria Baraúna desde a reabertura de seu galpão na Vila Madalena, no fim de 2025, Lina, Edmar e o Sesc Pompeia dá sequência a mostra Um certo mundo caipira, que esteve em cartaz até maio deste ano. Fundada em 1986 por Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki (que deixou a sociedade alguns anos depois), a Baraúna completa agora quatro décadas de existência. Articulando elementos da cultura brasileira com preceitos do design moderno e contemporâneo, a marcenaria teve uma relação estreita com Lina Bo Bardi, produzindo móveis como a linhas Girafa (1986) e a cadeira Frei Egídio (de autoria de Lina, Ferraz e Suzuki) desde os seus primeiros anos. Desde 2023, a Baraúna produz também uma série de outras peças da arquiteta.

Serviço “Lina Bo Bardi e Edmar de Almeida no Sesc Pompeia”

Quando: de 27 de junho (abertura) até 05 de setembro de 2026

Onde: Rua Harmonia, 101, Vila Madalena - São Paulo

Segunda a sexta das 10h às 18h

Entrada Gratuita